



FOLHA INFORMATIVA N.º10-2011

PALHEIROS DO LITORAL CENTRAL PORTUGÊS - III

DESCRIÇÃO DOS AGLOMERADOS DE HABITAÇÕES DE MADEIRA, ESTRANHOS À ZONA DA XÁVEGA

[Descrições da Costa de Caparica e dos Avieiros, com apresentação de tipologias de Palheiros e de Conclusões]

Autores: Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano.

In: *Palheiros do Litoral Central Português*

(1964) Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

DESCRIÇÃO DOS AGLOMERADOS DE HABITAÇÕES DE MADEIRA, ESTRANHOS À ZONA DA XÁVEGA

[Trafaria, Cova do Vapor, Costa de Caparica, Fonte da Telha e Avieiros]

Referir-nos-emos agora à construção em madeira, destes mesmos tipos, em vários povoados piscatórios situados fora deste sector característico de dunas e de xávega - nomeadamente ao Norte de Espinho, na Figueira da Foz e ao Sul da Praia de Vieira - mas que se podem considerar, em grande parte, demográfica e culturalmente tributários de alguns daqueles que descrevemos, a partir dos quais esta construção se teria difundido, embora, sob os demais aspectos, sejam totalmente independentes e diferentes destes; e, além disso, em certos locais do interior, que, apesar de tal, se relacionam de modo especial com eles, como sejam certos pontos da Ria de Aveiro e a Borda-d'água ribatejana.

(...)

Ao sul da Praia de Vieira, no litoral de arribas que se segue até ao Tejo, a construção em madeira torna-se excessivamente rara; Rocha Peixoto menciona-a em termos gerais em praias piscatórias estremenhas e alude mais adiante, especificadamente, à Ericeira e à Caparica; e seguidamente ao Algarve (1). Em S. Pedro de Moel, cujas arribas abrigam um pequeno recanto que ainda em 1850 era porto de mar com algum movimento de navios, Raquel Soeiro de Brito deixa entender que existiu a construção de madeira, tendo porém desaparecido sem deixar vestígios (2); e Mesquita de Figueiredo, em 1917, diz que não se encontram ali casas de madeira (sobre estacas?) (3). De facto ela existe, mas apenas em barracos recentes, de facção cuidada, de banhistas e veraneantes. Em Peniche, encontramos-la em exemplos bastante numerosos, em barracos de pescadores, pequenos, com telhado de duas águas com beiral liso para a frente, o revestimento exterior disposto verticalmente, sobre um soco de alvenaria; na Ericeira, porém, nenhuns vestígios ou memória se encontram deste tipo de edificação (4).

Pelo contrário, na Costa da Caparica, a construção em madeira documenta-se amplamente. No limite sul da povoação, escondido entre o casario de materiais duros de construção recente, o bairro velho dos pescadores é um conjunto de algumas dezenas de barracas térreas, de pau a pique e tabuado disposto horizontalmente, virando para a rua a empena, a meia da qual se abre unicamente a porta (fig. 61). A cobertura actual de telha Marselha é talvez a única diferença sensível entre elas e as barracas citadas por Raul Brandão há uns 40 anos (5). Essas eram com efeito cobertas com o estorno das dunas, a que chamavam colmo... De resto, muitas das actuais barracas já deviam ter existido no tempo em que aquele escritor dizia da Caparica: «casas de tecto de palhiço têm um ar ainda mais primitivo que os palheiros de Mira ou da Costa Nova». *[sublinhado nosso]*

Se corresponde à verdade, como parece, a lenda de terem sido «ilhos» (ilhavenses), vindos do Norte, quem primeiro se estabeleceu no lugar, sobre um «medo» elevado que havia então perto do local onde estão as actuais barracas dos pescadores, eles abandonaram aqui a construção palafítica característica da sua terra de origem, e dos sucessivos povoados por eles criados. Abandonaram-na logo, ou mais tarde? Não é fácil responder com certeza a tal pergunta. De qualquer modo, em 1823 ou 1824 parece existir na povoação apenas uma casa de alvenaria (6); e a sua progressiva frequentação como praia de banhos modificou mais tarde este primitivo carácter.

O núcleo piscatório da Trafaria era constituído do mesmo modo por construções em madeira, com certeza do género das barracas da Caparica (7). *[sublinhado nosso]*



Fig. 61 — Caparica, Barracas.



Fig. 62 — Fonte da Telha. Barraca de estorno.

A tradição da construção em madeira, e a falta de outro material local de construção, deu lugar, nos areais a sul da foz do Tejo, ao aparecimento de um género de pequeníssimas habitações de veraneio, sem quaisquer características particulares, e nas quais a fantasia do proprietário se manifesta por vezes de maneira exuberante. Constituindo, até ao desaparecimento da língua de areia que se prolongava em direcção ao Bugio, o casario da Cova do Vapor, algumas delas foram levadas para sul da Caparica, e prolongam hoje esta povoação com uma linha de cerca de dois quilómetros de casinhas variadas. Erguidas sobre estacas, ou no sistema de pau a pique, térreas ou de andar, com torres góticas ou janelas mouriscas, simpáticas na sua modéstia ou pretensão, elas apenas interessam a este estudo porque parecem representar um prolongamento da anterior construção em madeira (fig. 63). *[sublinhado nosso]*

andar, com torres góticas ou janelas mouriscas, simpáticas na sua modéstia ou pretensão, elas apenas interessam a este estudo porque parecem representar um prolongamento da anterior construção em madeira (fig. 63). *[sublinhado nosso]*

Fig. 70 (do livro) – Caparica.
Mudança de uma pequena casa de madeira, fugindo às marés. Inverno de 1963. (Cliché de Filmarte).



Fig. 70 — Caparica. Mudança de uma pequena casa de madeira, fugindo às marés. Inverno de 1963 (cliché de Filmarte).



Fig. 63 - Caparica. Barraca de veraneantes. (do livro)

NOTAS SOBRE OS PALHEIROS DA ZONA DA COSTA DE CAPARICA (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

(1) Rocha Peixoto, op. loc. cit., p. 85.

(2) Raquel Soeiro de Brito, op. loc. cit., p. 23.

(3) A. Mesquita de Figueiredo, op. loc. cit., p. 5.

(4) Pinho Leal, PAM.

(5) Raul Brandão, *Os Pescadores*, pág. 218.

(6) Com efeito, nessa data, D. João VI hospedou-se na única casa de pedra que então ali havia (que hoje é conhecida pelo nome da Casa da Coroa, no largo da Coroa, porque o seu dono - que o rei, em recompensa da excelência da caldeirada que aquele lhe preparou, nomeou «mestre das caldeiradas», com uma renda vitalícia de 800 réis diários - em comemoração do acontecimento, mandou incrustar na sua frontaria as armas reais daquele monarca, sobre a

esfera armilar). Todas as demais habitações da localidade eram então simples cabanas de tabuado e palha (Vide Pinho Leal, PAM, s. v. Caparica; e também Rocha Peixoto, op. loc. cit., pág. 85).

(7) Guia de Portugal, I, pág. 616.

AVIEIROS (pg. 98)

Finalmente, a construção em madeira de estilo palafítico aparece junto ao Tejo nas casas de pescadores da Borda-d-água, cuja população é na quase totalidade oriunda do litoral central, e especialmente da área de Vieira de Leiria, gente que todos os anos, como vimos, se deslocava até aqui para a pesca do sável e fainas do rio, nos períodos mortos da xávega. Da actual geração já muitos não têm conhecimento directo da Praia de Vieira; mas não se encontra um que desconheça ser ali a origem familiar. Com efeito, a sua fixação nas margens do Tejo, que concide com a decadência da xávega, e é sua consequência, não tem mais que poucas dezenas de anos.

Antes dessa fixação, a habitação do avieiro durante o período de permanência na Borda-d-água era um barraco precário e provisório, e principalmente a bateira varada na margem. Hoje ainda grande parte dessas famílias continua a morar nas bateiras, que cobrem com um toldo largo - a um lado a bateira, onde dormem, e o resto do espaço ocupado por caixas e fardos, material de cozinha e apetrechos de pesca, tudo muito limpo e bem ordenado, num arranjo a que não falta gosto, e que está bem na tradição do pescador da nossa costa central.

É costume estas habitações ambulantes estarem agrupadas em pequenos núcleos, como acampamentos de nómadas. Em Alhandra, na Póvoa de Santa Iria, etc., elas alinham-se sobre o terreno liso da margem, que as mulheres conservam sempre muito varrido. Os toldos mantêm-se de dia com a boca amplamente aberta para esse terreiro, tendo cada um diante de si, na hora da preparação das comidas, o fogareiro de ferro queimando carvão vegetal. À noite, ou quando chove, a boca é tapada com um pano. Esta bateira vai à água apenas quando a família se desloca, pois quase todos possuem outra para o exercício da profissão. Gente errante, mudando facilmente de lugar conforme a conveniência da pesca, a cada passo se vê no rio uma bateira carregada com todo o material que constitui a «casa» do avieiro. Em alguns casos, essas casas são constituídas por barcos velhos inutilizáveis para a navegação, e que se mantêm direitos por meio de estacas espedadas contra o casco, que ao mesmo tempo os elevam do solo.



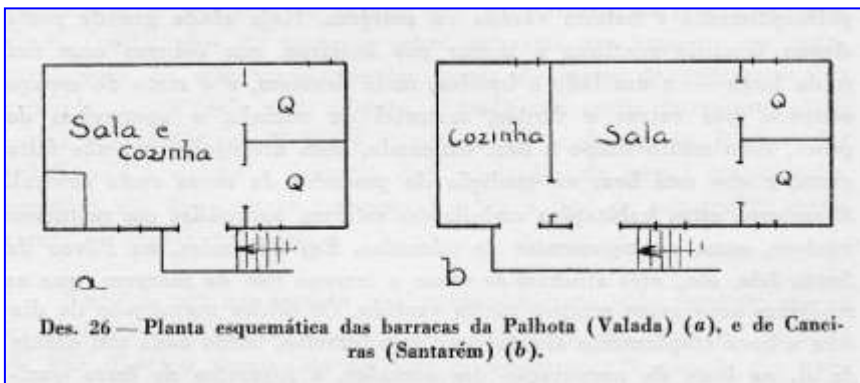
Em muitos, contudo, o desejo dum tecto mais seguro, e do fogo dum lar numa casa fixa, fez erguer também habitações de carácter permanente, surgindo mesmo pitorescos aglomerados integral e

caracteristicamente palafíticos, como a Palhota, perto de Valada, Caneiras, um pouco a sul de Santarém, Escaroupim em frente, na margem sul do Tejo, etc. Por vezes essas casas aparecem



dispersas, toscas e pequenas, com a porta e um único janelo iluminando o interior, ora com simples pés isolantes, ora com estacaria independente (fig. 64). Outras vezes elas agrupam-se em aldeamentos bem ordenados, duas fileiras de casas paralelas à margem, e

mostram claramente o mesmo sistema palafítico que outrora parece ter-se usado na Praia de Vieira: prumos espaçados erguendo-se do chão até ao telhado, soalho assente a perto de 2 metros de altura, o tabuado disposto verticalmente em camisa e saia (fig. 65). No alto das



escadas, a varanda dá acesso a uma sala grande para a qual abrem duas alcovas; a sala pode servir simultaneamente de cozinha (como

na Palhota), ou então o compartimento destinado a este fim encontra-se a ela encostado, formando um corpo de menor altura (solução quase geral em Caneiras) (des. 26).

Presentemente o mais vulgar é a chaminé ser em tijolo, assente sobre um bloco que sobe do chão, a um canto da casa (fig. 66). Ela segue o modelo da casa rural ribatejana, com a lareira baixa rodeada pelos bancos fixos de madeira.

O espaço livre por baixo de algumas dessas habitações é aproveitado para uma arrecadação cuja área é sempre menor que a delas, e bastante semelhantes às «casinhas» dos palheiros da Cova.

Estes agrupamentos de barracas são raros, e formam aldeiazinhas muito limpas. Os interiores são arrumados, asseados, torrados com papéis vistosos e panos garridos (fig. 67). Das paredes das casas saem ramos grossos de oliveiras (fig. 69), pois os troncos dessas árvores foram aproveitados como prumos que oferecem maior firmeza. Nos terreiros a lenha amontoa-se sobre estacas, e os galinheiros e pocilgas são palatíticos como as casas.



Fig. 66 — Palhota. Barracas. Notar a chaminé de tijolo, que vem até ao solo.



Fig. 67 — Palhota. Barraca. Interior.



Fig. 68 — Cancieira. Barracas.

Num dia lindo de Primavera ou de Outono, estas aldeias tranquilas e simples, dum pitoresco exótico, são verdadeiramente encantadoras. Mas para os seus moradores, quando o rio enche, o quadro é outro. Olham então com apreensão a água subindo, e se esta chega ao soalho, passam para a bateira amarrada à casa, e têm que esperar, perdidos na planície alagada, que a água volte a baixar.



Se o tipo palafítico destas construções se pode explicar pelas condições naturais da região, vasta planície todos os anos inundada pelas cheias do rio, o que é certo é que a ele não é de modo nenhum estranha a influência do homem do litoral que, depois de trazer da terra o barco em que pesca, acabou por trazer também o sistema estrutural do palheiro em que vivia. Talvez a construção palafítica fosse dantes aqui conhecida, mas ela apenas se limitaria a raras e toscas casotas sem carácter definido. É oportuno citar o caso da pequena aldeia da Palhota, em que as primeiras casas se ergueram há cerca de 50 anos, no local então conhecido pelo Mouchão das Casas Altas, junto dum barraco ou palhota em que habitava quem fazia a passagem da barca existente nesse sítio. Tal barraca era construída directamente no solo; e foi a fixação dos avieiros nesse local que deu origem ao aparecimento dos palafitos (1). Caneiras, pelo seu lado, não passava, até cerca de 1930, de um grupo de abrigos precários, ao nível do solo. Só por essa altura, com a fixação dos avieiros, se fizeram as barracas sobre pés.

Casas como as que descrevemos acima foram pois, ao que parece, introdução da gente «da Vieira» (2). Simplesmente, a casa que nos areais da sua terra de origem era elevada do solo

para se defender da invasão das areias, serviu-lhes aqui, de maneira perfeita, para a defesa contra as inundações. E é aqui que, embora transformada e simplificada, se pode encontrar ainda a antiga habitação do pescador de Vieira e Pedrógão, desaparecida já nessas terras.

NOTAS SOBRE OS PALHEIROS AVIEIROS (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

(1) A primeira barraca foi construída por Manuel Lopo, da Vieira, que aqui se fixou, e que teve 8 filhos. Outras famílias ali se instalaram depois. Todas as barracas são erguidas em terreno particular, e tal facto impede o crescimento da pequena aldeia, já que o proprietário, tolerando as construções existentes, se opõe à construção de outras.

(2) A existência de alguns palafitos de estacaria independente, de tipo irregular e mal definido, pode sugerir a influência de pescadores oriundos da Ria de Aveiro que, embora em pequeno numero, também aqui se estabeleceram.

IV

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DOS TIPOS DE PALHEIROS, E SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA (pg. 103)

Analisando a descrição que fizemos de todas estas estações, vemos que a construção em madeira se apresenta sob formas diversas, caracterizadas e distribuídas conforme se segue:

- 1 – Palheiros do sistema de pau a pique, revestidos até ao solo - Tipo do Furadouro.
- 2 - Palheiros do sistema de estacaria independente, com grade (des. 27).
- 3 - Palheiros do sistema de pau a pique - Tipo de Vieira.
 - a) de aspecto palafítico (des. 27) ;
 - B) revestidos até ao solo.
- 4 - Palheiros de aspecto palafítico, sobre estacaria, do sistema de vigas (des. 27) - tipo de Esmoriz.
- 5 - Palheiros sobre muros.

[sublinhados nossos]

V

CONCLUSÕES (P. 117)

Resumindo esta enumeração, vemos que a construção em madeira, segundo os seus tipos principais, se encontra distribuída, neste sector, do seguinte modo:

De Espinho a S. Jacinto, domina um tipo de palheiro de pau a pique, ora térreo, ora com andar, revestido de tabuado horizontal até ao solo (o que significa ausência de reforço horizontal); com ele coexiste, nos grupos de Esmoriz e Cortegaça, um tipo especial, sobre estacaria aberta, de aspecto palafítico, no sistema de vigas. Da Costa Nova à Leirosa domina um outro tipo, em que o edifício se ergue sobre uma grade que assenta em estacas independentes; estas às vezes são baixas, e acabam mesmo por ficar ao raso do solo, sugerindo os tipos de pau a pique; mas, nos casos mais notáveis, são altas e ficam abertas e à vista, originando um segundo tipo de

aspecto palafítico, muito característico. Em certas partes, nomeadamente em Mira e na construção mais moderna, a estacaria é completamente revestida, formando um baixo de arrumos, ou um verdadeiro piso ao rés-do-chão. Finalmente, nos grupos meridionais, e sobretudo na Praia de Vieira, dominava outrora um terceiro tipo de aspecto palafítico, de pau a pique, e domina hoje um tipo também de pau a pique revestido até ao solo, mas com tabuado vertical (implicando elementos de reforço horizontais). Por todo o sector, a par com estes diversos tipos, e deles derivados, encontram-se palheiros de diferentes géneros, uns térreos e muito pobres - as recoletas -, outros sobre pequenos pés baixos, incaracterísticos, outros ainda assentes sobre bases maciças, de pedra, alvenaria, tijolo ou adobes.

O palheiro térreo sobre pés é porém, como vimos, uma forma que marca apenas um melhoramento na construção do velho palheiro de pau a pique térreo que com ele coexiste, sugerida possivelmente pelo sistema funcional dos armazéns de redes, e não constitui, ali, um tipo primordial; o palheiro sobre muros, em todo o sector, é uma forma derivada dos tipos locais, podendo mesmo considerar-se uma fase na evolução da construção da beira-mar, no sentido da substituição da madeira pelos materiais duros; as recoletas são as mais das vezes meras soluções elementares atípicas; e os palheiros palafíticos sobre estacaria, com vigas, dos grupos de Esmoriz e Cortegaça, são uma invenção pessoal e recente, não constituindo também tipos primordiais. Desse modo, como formas típicas de carácter geral e tradicional, que traduzem correntes culturais originárias e que, ocorrendo em sectores delimitados e exclusivos, definem simultaneamente outras tantas áreas, temos:

a) - A área do palheiro de pau a pique, revestido até ao solo, de tabuado horizontal, nos grupos de Espinho a S. Jacinto, a que chamaremos a área do Furadouro, segundo o nome do seu grupo central e originariamente mais importante, donde partiram mesmo possivelmente, como vimos, os primeiros povoadores de todos esses grupos;

b) - A área dos palheiros sobre estacaria independente com grade, mais ou menos alta e à vista, revestida ou não de tabuado até ao solo, que corresponde aos grupos da Costa Nova à Leirosa, a que daremos o nome de área de Mira, segundo o nome do seu grupo maior e mais importante;

c) — A área dos palheiros de pau a pique de aspecto palafítico ou revestido até ao solo com tabuado vertical, que corresponde aos grupos da Praia de Vieira e Pedrógão, a que daremos o nome de área de Vieira.

[Sublinhados nossos]



Embora seja arriscado aventar mais do que sugestões relativamente às origens, pontos iniciais e razões de difusão de elementos culturais tão modestos como estes, que nenhuma documentação atesta, nota-se que a região que denominamos área do Furadouro, em função dos tipos predominantes e diferenciais dos palheiros que nela encontramos - o pau a pique do tipo normal - coincide muito exactamente com o sector costeiro que, em promórdios já muito recuados, foi povoado inicial e principalmente por pescadores ovarenses; e que, semelhantemente, a areia de Mira - ou seja a área dos palheiros sobre estacaria independente com grade, coincide com o sector a que corresponde primordialmente o povoamento pelas gentes de Ílhavo.

De todos os tipos descritos, os que maior interesse apresentam são sem dúvida os palafitos - ou seja, na acepção em que usamos a palavra neste trabalho, as casas de madeira sobre estacaria aberta e à vista, mais ou menos alta - de que, como ficou dito, identificamos três tipos: de pau a pique, correspondendo à área de Vieira; de estacaria independente, com grade, na área de Mira; e de estacaria também independente, mas sobre vigas, nos grupos de Esmoriz e Cortegaça.

Vimos também que este último é recente, e de invenção pessoal, não marcando por isso nenhuma corrente cultural [*cultural*] e primitiva. Pelo contrário, os outros dois constituem formas de cultural [*cultura*] local rigorosamente tradicionais, cuja origem e explicação se perdem mesmo nos tempos.

As construções palafíticas aparecem na Europa durante a época neolítica, como soluções de defesa contra inundações e ataques dos homens e de animais, em regiões de rios ou de lagos. Conhecemos vestígios delas sobretudo nos lagos alpinos, na Suíça, na França, na Áustria e na Alemanha, nas terras italianas, no Jura, na Pomerânia, em terras eslavas, na Bósnia, Morávia, Polónia e Rússia, na Dinamarca, na Escócia, na Irlanda e até, possivelmente, na Galiza (1). No Extremo-Oriente, na Oceânia e na Malásia, o mesmo sistema é ainda usado, não só na água, mas mesmo em terra firme, contra miasmas e animais nocivos (2). E de um modo geral, por todo o mundo, o sistema palafítico aparece em edifícios destinados à armazenagem de produtos alimentares; desse aspecto, temos entre nós um exemplo notável nos espigueiros sobre pés, na área característica do milho (3).

Estas construções sugerem sempre formas primitivas de cultura, e os casos europeus são geralmente considerados pela maioria dos Autores como sobrevivências dessas remotas eras proto - e até pré-históricas (4). Entre nós, porém, neste sector costeiro, a data muito recente não só do povoamento mas mesmo da constituição geológica da zona onde ocorrem os

palafitos, exclui qualquer hipótese de origens distantes, que a sua forma poderia sugerir. Além disso, a construção sobre estacaria, aqui, encontra a sua explicação primordial na necessidade de fazer frente aos movimentos das areias (5), o que constitui uma motivação bastante original; e apenas excepcionalmente, na Costa Nova e na Vagueira, vemos o tipo, definido no resto da área de Mira em função daqueles factores, usar-se em palheiros elevados junto da água. É certo que, na faixa arenosa que se segue, para o interior, à duna marítima, abundam lagoas, onde se poderia pensar na existência de protótipos palafíticos dessas épocas originárias; mas, na verdade, essas lagoas são igualmente recentes (representam o preenchimento da baixa interior pelas águas do mar isoladas pela restinga de dunas), e situam-se numa região desde sempre despovoada. A construção em madeira, e em especial a do tipo palafítico, nesta zona, parece portanto constituir em geral uma solução meramente funcional, relacionada primariamente com as condições naturais características da região: a falta de pedra, a instabilidade das areias, e ainda o processo inicial de povoamento, feito a partir de instalações temporárias dos pescadores, que vinham de fora e ali permaneciam apenas num período limitado. Contudo, se na verdade os palheiros da Malhada de Ílhavo são autênticos palafitos, de carácter lacustre ancestral, parece-nos ter de admitir que neste caso o tipo de estacaria com grade, que se encontra da Costa Nova para o sul, a partir de uma colonização inicial predominantemente ilhavense, traduz também reminiscências do sistema de construção que essa gente conhecia e usava na sua terra de origem, desde tempos imemoriais.

E assim, é possível que, além dos condicionalismos naturais e razões funcionais que estão na base da construção em madeira em geral, neste sector costeiro, os dois tipos diferentes que nela se definem - o pau a pique ao norte, e as estacas independentes ao sul - se expliquem também por factores culturais ou tradições próprios dos focos originários do seu povoamento.

O palheiro vai acabar. Ele foi a habitação da duna distante e sem estradas, no tempo em que o pinho era aí o único material, barato e sempre à mão. Hoje, vêm de longe buscar a madeira dos pinhais vizinhos, e o seu preço é quase superior ao do bloco de cimento, mais duradouro e feito no mesmo local. Por isso o palheiro acaba, naturalmente; mas é triste que seja o mau gosto do público e a incompreensão de certas entidades administrativas que lhe abreviem forçadamente o fim. Olhando para ele como para uma velharia que nos envergonha, o que se pretende é simplesmente a sua completa extinção, e das felizes soluções que ele contém nem uma sequer se pensa aproveitar. O que se pretende é a mediocridade e o incaracterístico da

casa do banhista, a dimensão desproporcionada do grande bloco, a uniformidade do bairro para pescadores.

Ponham porém no lugar dele o que quiserem: qualquer coisa que o substitua nunca terá com a vastidão dos areais e do mar a íntima, directa, por vezes mesmo dramática, ligação que tem a casa feita de madeira, da mesma madeira com que fizeram o barco. «Diante do mar, só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem».

Acaba o palheiro, e com ele acaba também a pesca que lhe deu a origem. Dentro de poucos anos, das proas erguidas na largueza sem fim dos areais, junto das casas descoradas pelo sal e escurecidas pelo tempo, não restará senão uma vaga e, porventura para alguns, saudosa e melancólica memória.

NOTAS SOBRE AS CONCLUSÕES (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

(1) Jacques de Morgan, *L'Humanité préhistorique* (Col. L'Évolution de L'Humanité). Paris, 1937, p. 167-8; e E. Frankowski, op. cit., p. 79-105. É de notar que o sistema de construção dos palafitos neolíticos suíços era sobretudo o da estacaria alta independente com estrado (que, de resto, era comum para toda a aldeia, e não individual para cada casa).

(2) J. de Morgan, op. loc. cit.

(3) Cfr. Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Espigueiros Portugueses*, Porto, 1961.

(4) Por exemplo, Frankowski filia os espigueiros portugueses e espanhóis em hipotéticas, lendárias e improváveis culturas lacustres da Galiza (op. cit., p. 97-105), cuja existência tenta provar, entre outras razões, pelas sobrevivências palafíticas nos palheiros do litoral português, e em certos caracteres (varandas sobre colunas, escadas exteriores, etc.) daquilo a que chama «a casa portuguesa».

(5) De facto, todos os autores que versaram o assunto, mesmo Rocha Peixoto e Frankowski, que foram tão fortemente impressionados e seduzidos pelo aspecto palafítico dos nossos palheiros na Cova de Lavos, em Mira, na Praia de Vieira, etc., apontam unanimemente os movimentos das areias como única causa e explicação daquela forma.